

O copo, o trono e a fé na marca de pênalti!

“Dizem que Adriano bebe, mas o que importa é que Adriano entra em campo e faz gol”. Com estas palavras, um dos examinadores da minha banca de sustentação de doutorado se referiu metaforicamente aos usuários de substâncias psicoativas que já não devem *a priori*, ser representados como improdutivos, marginais, excluídos, principalmente quando seus usos não são incompatíveis com suas atividades relacionais cotidianas. Mas indo além da metáfora, será que o próprio Adriano o Imperador, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo o Fenômeno, assim como outros jogadores e atletas não possuem direito a uma dose ou outra em seu tempo de lazer sem serem representados midiaticamente como problemáticos desviantes? Para estes desportistas quais são os limites socialmente construídos entre o uso e o abuso de álcool na configuração de suas carreiras e imagens?

E mais, esta problemática não diz respeito apenas aos usuários de substâncias psicoativas lícitas como o álcool. Em outubro de 2009, a Fifpro (Sindicato Mundial de Jogadores Profissionais de Futebol) se manifestou de forma contrária à diretriz da Wada (Agência Mundial Antidoping) que considera maconha doping. Essa manifestação está relacionada ao caso que envolve o jogador uzbeque Anzur Ismailov, suspenso por uso de maconha em junho do mesmo ano. De acordo com o comunicado publicado no site da entidade, a FifPro argumenta que a maconha não deveria estar inclusa na lista elaborada pela Wada já que "estudos científicos demonstraram que o uso de *cannabis* é prejudicial para quase todos os rendimentos atléticos".

Para rebater esta reflexão da FifPro, seria significativo se houvesse pesquisas indicando *se e como* o uso de maconha melhora o rendimento atlético. Até agora não sei de nenhum estudo que o tenha feito. É importante salientar que alguns componentes químicos da maconha não são eliminados do corpo do usuário num tempo menor do que duas semanas após o uso, o que não quer dizer que ele esteja sob o efeito da substância durante este período. Assim, o exame não provou que Ismailov fumou maconha para entrar em campo¹, mas sim que num período de mais ou menos quinze dias antes do jogo e do exame, ele usou a substância. O que fica patente nesta situação é a indiferenciação na análise entre aspectos da vida privada e da vida profissional de Ismailov ao condená-lo por buscar vantagem profissional quando na prática estava

¹ - o que seria muito difícil de acontecer sem chamar a atenção de outros, pois, nas horas que antecedem um jogo, o jogador está acompanhado pelo restante da equipe, o que inclui técnico, médico e dirigentes.

exercendo atividades recreativas. Enquanto no âmbito internacional a norma da Wada começa a ser questionada por uma entidade competente como a FifPro, no Brasil, entre o uso de substâncias lícitas como o álcool e ilícitas como a maconha, muita bola vem rolando mesmo antes de Nelson Rodrigues ter percebido o país como uma *Pátria em chuteiras*, configurando uma nação cuja identidade está claramente interfaceada com a cultura futebolística.

Se comecei falando de Adriano, que não pareça que este artigo está querendo “alisar o ego” da torcida do Flamengo, grande galera com pelo menos 22,6 milhões de pessoas (17% do total de torcedores brasileiros) que representa o quão popular é a cultura do futebol. Pelo contrário, a intenção aqui é provocar reflexões sobre aspectos nem tão populares acerca do mais popular dos esportes. Desse modo, vou focar a observação no Botafogo, time com popularidade muito inferior a da equipe rubro-negra com aproximadamente 1,9 milhões de torcedores (1% do total). O Botafogo possui uma história *outsider* marcada por boêmios craques da bola que enchiam os olhos da torcida com jogadas geniais, mas que possuíam habilidade controversa na administração de seus estilos de vida: Heleno de Freitas nos anos 1950 foi considerado um dos jogadores mais elegantes e criativos do período com performances memoráveis, porém fora de campo ficou conhecido por seus excessos; teve várias amantes de renome, sem esconder de ninguém cheirou lança-perfume, éter e bebeu o que quis, bateu e apanhou em muitas brigas. No Botafogo houve também Mané Garrincha, o “anjo das pernas tortas” que também era mulherengo, gostava muito de cachaça², e que nos jogos costumava infernizar a vida dos adversários com sua ginga – dá até pra ficar na dúvida se ele parecia que cambaleava em campo ou fazia os zagueiros adversários cambalearem.

Incontroláveis dentro e fora de campo, Heleno de Freitas e Garrincha tiveram fins trágicos. Apesar de possuir diploma de Bacharel em Ciências Políticas e Sociais, Heleno foi notório por ser um sedutor incorrigível e nos desdobramentos de seu estilo de vida boêmio e desregrado acabou infectado pela sífilis. Já debilitado, sofreu mudanças de personalidade que o fizeram ser considerado louco, morrendo num sanatório onde passou os últimos seis anos de vida. Garrincha, que antes dos 30 anos já possuía 10 filhos com 3 mulheres, teve um momento de ascensão fulminante na carreira quando foi considerado o principal responsável pelo bicampeonato mundial conquistado

² - e esse gosto parece que veio “de berço”. Ruy Castro que escreveu a biografia do jogador (*Estrela solitária; um brasileiro chamado Garrincha, 1995*) conta que, descendente dos Índios Fulni-ô, Garrincha desde pequeno foi levado a seguir certa tradição comum entre seus familiares, bebendo na mamadeira um preparo chamado *cachimbo*: cachaça, canela em pau e mel.

pela seleção brasileira em 1962. Nessa época, a fama e o hábito de beber em excesso estiveram juntos, porém, no final dos anos 60 quando a carreira começou a cair no ostracismo o consumo etílico se tornou seu “esporte” principal. Anos depois sem dinheiro, sem saúde e com poucos amigos, Garrincha acabou morrendo de cirrose.

Já Paulo César Caju começou sua carreira no Botafogo em 1967 e sendo um jogador talentoso chegou a seleção brasileira com relativo sucesso, mas, politicamente polêmico – admirador de Malcom X e identificado com o Movimento Negro, afirmou que Pelé foi um alienado e acomodado em relação às questões raciais – foi considerado um rebelde no ortodoxo mundo do futebol. Em relação ao que acontecia dentro de campo, ele acusou alguns jogadores do Grêmio onde encerrou a carreira, de jogarem dopados a decisão do mundial de clubes de 1983. Não obstante ser contra o doping esportivo, fora de campo Caju não se privou de curtir os prazeres que o sucesso facilitou, se tornando muito mais interessado em circular na noite movido a álcool e cocaína - hábito que desenvolveu quando jogou na França em 1974/75 -, do que nas politicagens que haviam tomado conta da cultura futebolística. Hoje, depois de enfrentar alguns problemas de saúde, aos 61 anos e de “cara limpa”, Caju é colunista de jornal. Outro botafoguense nessa lista de *outsiders* é Josimar que fez muito sucesso na Copa do Mundo de 1986 e depois quando sua carreira entrou em declínio - dizem que ele gastou todo seu dinheiro nas baladas com cocaína, sempre acompanhado por louras fatais -, só voltou a virar manchete em 1993 por ter sido acusado de tráfico. Após pendurar as chuteiras, Josimar veio a se tornar evangélico.

Embora a associação da imagem de jogadores usuários de substâncias psicoativas não favoreça a imagem pública de nenhuma associação desportiva, o Botafogo não se intimidou com os preconceitos dominantes e em 2007 contratou o zagueiro Renato Silva que havia sido dispensado do Fluminense por ser flagrado no antidoping por uso de maconha. Se no meio futebolístico causou estranhamento a dispensa do jogador por doping, se deve levar em conta que o patrocinador do Fluminense era o plano de saúde UNIMED que não tolerou ver seu nome associado a um caso dessa natureza. A contratação do zagueiro por parte do Botafogo se deu no período da punição que durou 60 dias e Renato foi um dos destaques do time naquela temporada. Em 2009 houve o caso da promessa de craque Jobson que nas últimas rodadas do campeonato brasileiro ajudou a salvar o Botafogo da queda para a segunda divisão. Jobson foi flagrado no antidoping após dois jogos decisivos por uso de cocaína – segundo o jogador, seu uso foi de crack e estava acontecendo já há um ano em momentos recreativos, não para

entrar em campo. Inicialmente suspenso por dois anos, Jobson teve a pena reduzida para seis meses e depois do Cruzeiro desistir de contratá-lo à época da divulgação do resultado do exame, ele recebeu uma proposta para voltar a vestir a camisa do Botafogo que pretende recebê-lo de portas abertas, se dispondo a ajudá-lo inclusive com acompanhamento terapêutico. Enquanto um time patrocinado por um plano de saúde do porte da UNIMED dispensou um jogador que teve seu envolvimento com maconha amplamente midiático, outro time que é patrocinado por uma marca de medicamentos genéricos – a Neo Química – oferece um voto de confiança para um jogador que teve problemas com seu uso de crack tornado manchete. No primeiro caso o jogador foi excluído do time como desviante, no segundo caso, o jogador, que agora é evangélico, poderá vir a ser reincorporado como ser humano.

Com envolvimento de patrocinadores ou não, em todos estes casos fica difícil afirmar que as substâncias psicoativas consumidas por tais jogadores melhoraram suas performances futebolísticas, pelo contrário, tais substâncias podem até atrapalhar quem precise de rapidez de raciocínio espacial, noção prática de geometria aplicada e controle motor apurado. Os consumos de substâncias psicoativas por parte desses jogadores foram aspectos de seus estilos de vida configurados na esfera privada e assim sendo, em contextos e com motivações diferenciadas das que demandam performances futebolísticas com alto grau de excelência. Contudo, ao serem tornados públicos, tais consumos “emprestaram” um estigma às suas carreiras que nunca foi removido.

No senso comum, estes atletas são representados como um exemplo negativo para os jovens, para o espírito esportivo. Sendo assim, então a discussão se dá não no campo da saúde ou da performance atlética e da competitividade esportiva e sim no campo da moral que respalda os costumes. Nesse sentido, é possível que o modelo ideal de jogador seja Kaká, evangélico e abstinente por definição. Aliás, na Copa das Confederações na África do Sul em 2009, foi possível ver na comemoração da seleção brasileira após vencer a competição, muitos jogadores com suas camisas evangélicas orando no círculo central, comandados por Kaká e pelo capitão Lúcio³. Entretanto, a fé que une alguns brasileiros não é unanimidade global. A FIFA como entidade reguladora do futebol mundial e notoriamente laica, mandou um comunicado a CBF (Confederação Brasileira de Futebol), apontando que seria prudente evitar usar o palco do futebol para

³ - talvez não tenha sido por coincidência que o técnico Dunga promoveu Lúcio a capitão da equipe. O zagueiro afirma que na concentração e nos treinamentos seu papel de líder é mais importante do que durante os jogos, embora negue – parcialmente - que sua opção religiosa interfira na missão: “As conversas na concentração não são voltadas *em tudo* para a religião” (FSP:26/04/10).

manifestações religiosas. De fato, as regras da Fifa proíbem mensagens explicitamente políticas ou religiosas em campo e prevê punições em casos de descumprimento, o que deixa espaço apenas para manifestações de ordem comercial, como a visualização das marcas dos patrocinadores nos uniformes dos jogadores.

De qualquer forma como ninguém foi punido, a imagem religiosa⁴ que favorece comportamentos abstêmios vem sendo mais explorada para resgatar a aura mística da seleção brasileira, em detrimento da imagem boêmia que nos anos 50/60 foi sucesso, mas que em 2006 foi eleita como a culpada pelo fracasso na Copa da Alemanha. Nessa perspectiva, quando tentando se contrapor a disciplina permissiva do atual técnico da Argentina, Maradona, que não vê sentido em proibir o acesso dos jogadores em seu tempo de folga a sexo, vinho, churrasco e doces, o técnico Dunga afirmou que nem todo mundo gosta de sexo, de vinho ou de sorvete: A declaração do argentino não causou maiores estranhamentos em face ao seu currículo, mas a do brasileiro⁵ alimentou as primeiras páginas com manchetes que ironizaram sua tolerância zero quanto aos prazeres⁶: *“após treino seleção brasileira aproveita folga em shopping”*



(IG: 29/05/10), *“sem balada na folga, seleção se divide entre golfe e shopping”*, (UOL:29/05/10), *“De sorvete eles gostam: seleção tem dia de folga”* (Globo:29/05/10). Sem haver evidências de que essas medidas disciplinares espartanas sejam benéficas para a performance dos jogadores, há entre estes os que por força do hábito religioso não contestam a restrição de prazeres como também há os que acreditam que o futebol não é antônimo de alegria e divertimento.

Assim, se às vésperas da Copa de 2010, o veterano Lúcio afirma que na seleção de 2006 não houve um racha ou tensão entre os evangélicos e os outros jogadores, não há

⁴ - em relação a esta imagem, o time do Santos está sendo considerado o único no Brasil atual a promover um futebol alegre tendo como estrelas, Neymar e Ganso que são evangélicos. Se estes jovens craques fazem coreografias para comemorar gols gerando alegrias para os amantes do futebol-arte, também geraram mal-estar quando por intolerância religiosa se negaram a descer do ônibus da equipe e participar de uma festa na Páscoa para crianças com paralisia cerebral, por esta acontecer numa Instituição Espírita.

⁵ - e se Dunga não criticou o churrasco, a de se considerar que ele é gaúcho!

⁶ - de acordo com o jogador Branco, companheiro de Dunga na seleção que foi à Copa em 1994, o atual técnico da equipe brasileira frequentava as rodas de bebida comandadas por Romário, (Extra on line, 30/05/10). E aquela seleção foi campeã.

como negar que Ronaldo, Ronaldinho, Roberto Carlos e Adriano, foram postos na berlinda como disfuncionais por terem curtido infinitas baladas no período da competição, o que supostamente teria levado a um rendimento pífio dentro de campo. Kaká que sempre foi um bom menino – ele casou virgem aos 25 anos - foi uma exceção entre os estigmatizados daquele time. O único “escândalo” no qual ele pode ser considerado envolvido é ser garoto-propaganda da Igreja Renascer, igreja cujos líderes foram presos nos EUA em 2007 por entrarem no país com um montante de dinheiro não declarado. Kaká atualmente, mesmo com seu rendimento técnico em baixa se comparado com o ano de 2007 quando foi considerado o melhor jogador do mundo⁷, continua sendo prestigiado como um atleta de comportamento exemplar e assim segue a carreira sendo mantido temporariamente no trono que muitos acreditam que pertence ao eterno Rei Pelé.

E por falar em rei, os mais antigos consideram Pelé e Garrincha o Rei e o Príncipe do futebol, mesmo com carreiras tão diferentes. Se Pelé foi visto como um jogador que jogava para vencer, Garrincha foi imortalizado como um boêmio que jogava para se divertir; o primeiro voltado para o grupo com seus objetivos duradouros e o segundo voltado para si com seus objetivos fugazes. Por demais simplistas, estas interpretações não estão relacionadas apenas ao que eles faziam dentro de campo. Pelé não sustentava uma imagem associada ao uso de bebida alcoólica como Garrincha, pelo contrário, foi considerado o “atleta do século” e essa imagem foi boa para estrelar campanhas comerciais para vários produtos, inclusive para medicamentos contra impotência⁸. Contudo, talvez poucos lembrem da impotência de Pelé quando seu filho, também jogador, foi acusado de traficar drogas chegando a ser detido por meses em 2005. Alguém lembra da reação de Pelé a essa situação? É mais fácil lembrar dele criticando Maradona anos antes, pois em seu ponto de vista era inadmissível que um jogador de

⁷ - o troféu recebido por Kaká - que pretende um dia ser pastor - como melhor jogador do mundo foi entregue em agradecimento a Deus, a Igreja Renascer em Cristo em São Paulo, para exibição pública.

⁸ - O laboratório Pfizer marcou um gol de placa ao contratar o craque por cerca de US \$ 2 milhões como garoto-propaganda, pois a partir de então suas vendas do *Viagra* ganharam uma ereção sem fim. Para celebrar ainda mais a vitória da Pfizer, nem todos os medicamentos concorrentes do *Viagra* passaram no antidoping. LaShawn Merritt, campeão olímpico nos 400 metros em 2008 e do mundo em 2009, foi suspenso após três exames antidoping em 2010 e deve cumprir uma pena de banimento das pistas de atletismo por dois anos. O resultado deu positivo para a substância dehydroepiandrosterona (DHEA) encontrada no medicamento *Extenze*, grande sucesso no mercado estadunidense que é indicado para prolongamento de ereções e alongamento peniano. Vale ressaltar que Merritt afirma ter usado o medicamento longe do período de treinos e competições.

futebol da grandeza do craque argentino tivesse se tornado usuário de cocaína. Para Pelé, Edinho seu filho, um goleiro mediano, foi vítima de más companhias⁹.

Se as leituras psicossociais feitas por Pelé não acrescentam muito ao óbvio, no quesito das relações amorosas uma comparação entre Pelé e Garrincha é sociologicamente inevitável; a que põe de um lado o casal Pelé e Xuxa, e do outro Garrincha e Elza Soares. O Rei Pelé e a Rainha Xuxa nos anos 1980 espelharam a “pureza” da miscigenação nacional, vivendo um rápido conto de fadas que muito contribuiu para a carreira de ambos e para a internacionalização da imagem sorridente da democracia racial brasileira. Como exemplo incontestável desta imagem, há disponível na internet um vídeo promocional da Francisco Xavier Imóveis, onde Pelé recebe como presente de Natal uma imensa caixa de onde sai Xuxa. Com seu presente sentado no colo, Pelé deseja que todos os brasileiros recebam o presente que desejam. Já Garrincha e Elza nunca estrelaram uma campanha publicitária, pelo contrário, foram chamados nas manchetes de jornais dos anos 1960 de “dois contra a cidade”, pois Elza não foi perdoada por ser mais uma “outra” na vida de Garrincha, que quando a conheceu era casado. Após sofrerem ameaças de morte e terem a casa metralhada, os dois tiveram que partir para um breve exílio na Itália no começo dos anos 70.

O casal Garrincha e Elza acabou sendo a representação viva da malandragem desenhada em torno do samba, do futebol e da cachaça, a mistura ilegítima de um nordestino descendente de índios e mulatos com uma negra do morro carioca, resultando em impureza sem sofisticação para gringo ver: as pernas tortas dele e a voz sensual dela eram exóticas atrações de terceiro mundo, mas atrações que aos olhos dos brasileiros deviam ficar confinadas nos campos de futebol, palcos de segunda categoria e nos botecos da vida, não nas festas da alta sociedade nem em programas de TV. Se a identidade cultural brasileira exportada entre os anos 1950 e 1970 foi recheada de futebol, samba e cachaça, é possível especular que Garrincha e Elza tenham formado o casal que representou o Brasil que desceu do morro para o asfalto com jogo de cintura para driblar as adversidades. Enquanto este casal hoje é cultuado por românticos e

⁹ - com a mesma visão simplificada sobre o fenômeno das drogas, em entrevista à Marília Gabriela no Programa *Cara a cara* Pelé afirmou que não gostava dos Beatles porque estes haviam difundido o consumo de drogas pelo mundo, no que foi replicado pela apresentadora, que disse ser essa uma imagem injusta para com a banda inglesa que contribuiu com aspectos importantes para cultura jovem como a valorização da paz e do amor. À época desta entrevista, Pelé, o “atleta do século”, era garoto-propaganda do complexo vitamínico *Vitasay*. Já em 1961, antes dos Beatles começarem a influenciar a juventude, Pelé estreou na publicidade num anúncio do fortificante *Biotônico Fontoura*, cujo slogan era: “A receita do campeão”. Em 1970 ele lançou no mercado o *Café Pelé* que hoje é vendido também na Rússia e na China. Será que os Beatles realmente difundiram mais o consumo de drogas do que o Rei do futebol?

boêmios amantes do futebol ou não, o casal pop Pelé e Xuxa, apesar da popularidade atingida enquanto esteve sob os holofotes nos anos 1980, não durou muito na memória coletiva, sendo hoje citado vez por outra em análises sociológicas pouco lidas.

Se o trono do Rei Pelé de tempos em tempos é questionado por sua atuação fora de campo, Kaká que por sua vez já alugou sua imagem ao Gatorade e a Pepsi, não critica a vida de ninguém, não aparece no circuito das celebridades e é quase unanimidade entre analistas de futebol tendo a seu favor a capacidade de ser disciplinado longe de campo, mesmo sendo um jovem milionário, que como muitos de seus companheiros, poderia estar aproveitando o lado faustoso da vida – e aqui está o ponto nevrálgico da questão. Movido por sua fé, Kaká está acima das tentações mundanas como álcool e outras drogas, sentado no trono que poucos usufruíram e por isso merece respeito e confiança.

Entretanto, no mundo do futebol nem sempre a bola é redonda assim como nem todos os jogadores terão um trono para sentar no auge da carreira. Esses inclusive nem sempre possuem controle sobre as substâncias que consomem. Se hoje é mais do que politicamente incorreto usar drogas para melhorar performances, é preciso lembrar que na década de 1970 era mais do que comum que os jogadores recebessem por via injetável complexos vitamínicos assim como infiltrações de anestésicos e antiinflamatórios para aplacar as dores conquistadas dentro de campo. O grande problema é que os cuidados com a higiene eram mínimos, como relata o ex-jogador do Bahia e atual professor de Educação Física e funcionário da Coordenadoria de Esporte da Prefeitura de Salvador Edmilson Machado: “Eram duas ou três agulhas para 30, 40 jogadores. Ferviam e iam aplicando” (A Tarde: 20/03/10). O resultado é que muitos jogadores se tornaram portadores do vírus do Hepatite C – só no Ambulatório da UFBA, hoje há 55 atletas em tratamento. A estimativa da Sociedade Brasileira de Hepatologia, é que grande parte dos jogadores brasileiros dos anos 70 esteja contaminada e nem sequer saiba disto. Em face desse exemplo, se os médicos dos clubes podiam administrar substâncias das quais os atletas pouco ou nada conheciam prejudicando-lhes a saúde sem serem responsabilizados pelos danos causados, o problema configurado não é os atletas usarem drogas, mas sim usarem por conta própria.

Como exemplo, Dodô em 2007 foi mais um atleta do Botafogo que foi flagrado no exame antidoping, dessa vez por uso de *Femproporex* encontrado em pílulas de cafeína, sendo punido com dois anos de suspensão. Até hoje ele alega que usou os suplementos vitamínicos por recomendação e fornecimento do departamento médico do clube, mas nenhum médico foi responsabilizado muito menos punido. A decisão do TAS-CAS

(Tribunal Arbitral do Esporte) rejeitou o argumento de falta de dolo e/ou responsabilidade objetiva em um caso de doping. Em situações como esta, assumir a responsabilidade pelo uso – o que Dodô não fez - significa retratação da imagem pública não apenas do jogador como da ética desportiva posta em xeque. Quem passou por isso foi o jogador de vôlei brasileiro, Giba, flagrado no antidoping por uso de maconha na Itália em 2003: "Estou arrependido, mas foi um erro único. Sei que sou um símbolo, um exemplo principalmente para as crianças e não poderia ter errado. Fui fraco, mas garanto que não acontecerá de novo". Giba que disse ter fumado uma única vez (!?!), após a suspensão por 8 jogos vestiu a camisa do time contrário às drogas: "a maconha não deve deixar de ser considerado doping, porque é uma substância que faz mal ao atleta, ao ser humano. Estou colocando minha imagem à disposição de quem queira fazer campanhas antidrogas" (FSP:13/03/03).

Palavras sinceras ou não, em última instância a responsabilidade sobre o corpo, seja ingerindo bebida alcoólica, um complexo vitamínico ou fumando maconha deve ser dos próprios atletas. Mas seriam estes tão autônomos em relação aos interesses das entidades desportivas as quais pertencem? Nos Jogos Olímpicos de Inverno realizados em fevereiro de 2010 no Canadá, a seleção feminina de hóquei canadense ficou numa saia justa por ter comemorado a conquista da medalha de ouro consumindo cerveja, champanhe e charutos na pista de competição. O Comitê Olímpico Internacional prometeu investigar a “comemoração abusiva” o que forçou a Federação Canadense a se desculpar caso algum espectador houvesse se sentido ofendido. Curiosamente, esse receio de ofender a opinião pública ocorreu quando as autoridades de Vancouver, sede da competição, afirmaram que seriam bastante tolerantes com o consumo de maconha por parte dos turistas durante os jogos. Essa configuração deixa claro que acima dos direitos dos atletas enquanto cidadãos estão os direitos das instituições que administram os esportes em manter a imagem da ética desportiva acima das demandas dos humanos competidores.

E se os humanos que competem ainda são falíveis, sabe-se de seu desejo de serem deuses que conquistam seus lugares no Olimpo. Levando em conta esta questão, o panorama dos órgãos reguladores para a Copa do Mundo 2010 parece estar menos centrado nos cuidados com a saúde dos atletas¹⁰ do que em diminuir as possibilidades

¹⁰ - em abril de 2010 o atacante marfinense Didier Drogba que atua no Chelsea da Inglaterra, adiu uma operação de hérnia de disco, que o afastaria da temporada européia e da Copa do mundo. Atuando com fortes dores, será que este adiamento está priorizando a saúde do jogador? E a presença de Rooney

de que haja performances quimicamente induzidas, como quase não houve na última edição da Copa das Confederações realizada no mesmo país um ano antes. "Estamos planejando testes em todos os times, nos treinos, na estada nos seus países de origem e após a chegada à África do Sul", afirmou o médico chefe da Fifa, Jiri Dvorak. Cerca de 35 mil testes foram realizados em 2009, com resultado positivo em apenas 0,03% dos casos¹¹. Será que estes testes também detectarão consumo de álcool? Se assim fosse, a comissão técnica da seleção brasileira poderia se sentir tranquila quanto a redução de riscos e danos para com sua imagem, mas é bom ressaltar que o álcool não está na lista de substâncias proibidas. Vale lembrar que em países como a Itália, os jogadores costumam beber uma taça de vinho durante as refeições sem nenhum dilema ético ou restrição dos departamentos de medicina desportiva.

Levando em conta que cada caso deve ser analisado considerando seu contexto, assim como o uso de tabaco¹², o uso de bebida alcoólica, é desaconselhável para praticar atividades esportivas, mas não é proibida para desportistas. Contudo, quando se tenta explorar comercialmente a imagem dos prazeres proporcionados por uma carreira bem sucedida, polêmicas são configuradas, como a acontecida em 2009 em torno da campanha comercial da cerveja Brahma com Ronaldo o Fenômeno, na qual este aparece associando suas várias recuperações na carreira ao fato de ser "brahmeiro". Imediatamente após a veiculação do comercial, a cervejaria Schincariol concorrente da Brahma, afirmou que Ronaldo é ídolo das crianças e atleta de um esporte olímpico. Por esses dois aspectos, ele não poderia associar sua imagem a bebidas alcoólicas. Como consequência, as pressões da sociedade civil cresceram e a propaganda foi modificada com a fala do Fenômeno "sou brahmeiro", sendo trocada por "sou guerreiro" e com o copo de cerveja sumindo de sua mão. Essa polêmica gerada em torno da avidez por lucro fácil de alguns setores do mercado de consumo¹³ parece ter legitimado o gol da

(Inglaterra), Iniesta e Torres (Espanha) Pepe (Portugal) e Kaká na Copa não garante que estavam com 100% de condições físicas, já que se recuperavam de lesões e fraturas graves, mas o show não pode parar...

¹¹ - isso se não for levado em conta o chamado doping invisível, quando se usa hormônios como o DynEPO, praticamente impossível de ser detectado.

¹² - um dado curioso está no uso de tabaco como rito de iniciação entre atletas. É o que conta Paulo Rink, jogador brasileiro naturalizado alemão que chegou a seleção germânica no ano 2000: "Tive que virar fumante para não ficar excluído na seleção. Teve uma época em que 18 dos 23 jogadores convocados para a Eurocopa fumavam. Se ficasse de fora (da roda de fumantes), eu já era lá dentro, estava ferrado", (UOL:24/05/10).

¹³ - tais setores não desistiram de seus objetivos, apenas buscaram outras estratégias de campanha. Em 2010, a mesma cervejaria Brahma com os slogans "a primeira marca brasileira na história a patrocinar a Copa do Mundo da Fifa", e "patrocinadora da seleção mais guerreira do mundo", convocou o técnico Dunga para ser garoto-propaganda, auxiliado pelos jogadores Luis Fabiano e Julio César em três

CBF que busca cultivar a imagem do jogador abstêmio como modelo triunfante. Assim, não é de estranhar que cada vez mais, jogadores que conduzem um estilo de vida pouco “religioso” ganhem críticas nas primeiras páginas de jornais e blogs como algum tempo atrás só acontecia com artistas.

A condenação midiática sobre o direito que estes jovens milionários conquistaram para curtir alguns momentos da vida com um copo na mão, muitas vezes obscurece o dado de que o patrocinador oficial do Brasil na Copa do Mundo 2010 é uma cerveja! A lógica trazida por esta campanha publicitária é que todos os torcedores em frente aos aparelhos de TV podem virar guerreiros bastando ter sua cerveja ao alcance da mão¹⁴ enquanto os jogadores para se tornarem guerreiros teriam que se sustentar na fé! Não deve ter sido coincidência o fato do Flamengo ao ser campeão nacional em dezembro de 2009 atingindo 19% dos torcedores do ranking brasileiro, quatro meses depois ter sua popularidade reduzida para 17%. Nesse período, os jornais foram recheadas por manchetes com Adriano e Vagner Love - batizados de “O Império do Amor!” – envolvidos com bebidas, baladas, baile funk, favela, brigas com namorada e traficantes armados. Na cabeça de muita gente pode ter passado o filme: “É isso que esses meninos pobres fazem depois de enriquecer?” Essa imagem hedonista soa não apenas contrária à ética da seleção brasileira como ao modelo cultural que o futebol nacional vem processando. A imagem do time mais popular do Brasil, ainda se tornou mais abalada após um dirigente flamenguista afirmar que Adriano e Love por serem estrelas possuíam privilégios. Desde então, os privilegiados passaram a ser bodes expiatórios.

No jogo entre Botafogo e Flamengo que decidiu o campeonato carioca de 2010, aos 33 minutos do segundo tempo, quando o Botafogo vencia por 2X1, surgiu um pênalti a favor do Flamengo. Adriano foi para a bola e ... perdeu! Com o Botafogo sagrando-se campeão sem ter nenhum jogador associado à imagem de usuário de álcool e outras drogas, alguns torcedores do Flamengo com a fé em baixa disseram que Adriano deixou o trono de Imperador vago pois perdeu o pênalti por estar de ressaca. Para muitos integrantes da maior torcida brasileira o problema das estrelas privilegiadas que acabou sabotando a performance de todo o time foi o excesso de liberdade.

comerciais. Foi tomado o cuidado de eliminar do texto dos três a palavra brahmeiro e o copo em nenhum momento aparece na sua mão de nenhum dos guerreiros. O lucro visado por esta campanha está traduzido nas palavras do superintendente do Sindicato Nacional da Indústria da Cerveja (Sindicerv), Enio Rodrigues: "Com a Copa, é como se tivéssemos um mês a mais de verão no ano", (IG: 27/05/2010).

¹⁴ - o mesmo Enio Rodrigues esclarece que: "Em junho, o esperado é cerca de 6% a 7% do consumo anual, mas agora, com a Copa, esperamos que atinja a marca de dezembro a fevereiro. Com isso, há uma projeção de que o ano terminará com crescimento de 7% a 10% das vendas de cerveja, quando o ritmo de crescimento tem sido de cerca de 5% ao ano do mercado nacional", (*Idem*).

Numa matéria do Globo Esporte (*Alcoolismo atinge vários atletas do futebol, e clubes se preparam para ajudá-los*¹⁵:09/03/10), em uma aparente tentativa de definição do que seja uso ou abuso de álcool, Adriano foi entrevistado e afirmou que bebia para esquecer e não conseguia, mas esqueceu de dizer - ou a edição do programa não permitiu que dissesse - o que ele queria esquecer; a morte do pai¹⁶, seus compromissos que restringiam sua liberdade para usufruir de sua fortuna ou qualquer outra questão. Sem elaborar reflexões mais complexas a matéria insistiu na representação de Adriano como um alcoolista, indicando ser este “apenas mais um caso do conflito entre futebol e bebida” no qual “a ascensão social fulminante costuma ser a grande vilã da história”. Então o problema configurado foi que Adriano saiu da favela e continuou se comportando como um favelado num império luxuoso? Sendo assim, o problema não é de fácil resolução, pois, em 2010, já no Brasil, às vezes em que voltou para a favela assumindo o quanto sentia falta das suas raízes socioculturais, Adriano foi perseguido por paparazzi e no dia seguinte crucificado nacional e internacionalmente por frequentar ambientes atípicos de um vencedor. Será que é esse conflito de identidade que ele quer esquecer? Será que o que muitos não aceitam é que alguém que saiu de uma favela carioca e chegou à Itália vindo a ser apelidado de *L'Imperatore* possa querer tomar umas doses com os amigos do tempo das vacas magras?

Menos de duas semanas após o jogo com o Botafogo o carro de Adriano foi parado numa blitz da Lei Seca. O jogador soprou no bafômetro e foi liberado. Essa informação saiu nos jornais e blogs como se significasse que o camisa 10 do Flamengo poderia estar mudando do vinho para a água. De qualquer modo, acabou não sendo uma surpresa quando Adriano foi desconvocado para a seleção brasileira depois de faltar treze treinamentos na temporada. Será que estas ausências foram consequências do consumo etílico ou seriam frutos dos danos psicológicos relacionados às pressões sobre um jovem que alçado a condição de celebridade é monitorado inescrupulosamente por uma pátria que não consegue dormir sem suas chuteiras? Por ironia do destino e até desmentindo a lógica de Dunga quanto à preferência por vinho, um mês antes da Copa do Mundo a CBF lançou uma linha de espumantes e vinhos finos intitulados *Seleção Brasileira*. Não seria surpresa que se oferecerem uma taça de alguma dessas bebidas para Adriano, ele nervosamente respondesse: “pai, afasta de mim esse cálice!”.

¹⁵ - doze clubes da primeira divisão do futebol brasileiro já executam projetos de prevenção ao alcoolismo, (Globo Esporte: 09/03/10).

¹⁶ - alguns dizem que seus problemas com o abuso de álcool começaram com a morte do pai em 2004.



(UOL – 07/05/10)

Referências:

CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.